

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

O HOMEM DA GUITARRA

JON FOSSE

ENCENAÇÃO

**MANUEL
WIBORG**

29 jan — 4 fev
2018



© SUSANA NEVES - TNSJ

31 JANEIRO CONVERSA COM A EQUIPA ARTÍSTICA APÓS O ESPETÁCULO
MODERADA POR MIGUEL BRANCO (JORNALISTA)

À conversa com Manuel Wiborg e Adriano Sérgio, a propósito de *O Homem da Guitarra*

Manuel, quando sentiu necessidade de ter outra pessoa em palco neste monólogo?

Manuel Wiborg: O monólogo pedia só uma pessoa em palco a tocar guitarra. Tento sempre ser o mais justo com o que os textos pedem, são as peças que mandam em mim e não o contrário. Mas a entrada do Adriano Sérgio na peça aconteceu, primeiro, por necessidade, porque não sei tocar guitarra. Pensei parar seis meses para aprender, mas tive que fazer uma telenovela e fiquei sem tempo. Telefonei ao Adriano a dizer-lhe que gostava que ele tocasse em cena.

Adriano Sérgio: E eu respondi-lhe que já não tocava, que ia mudar de vida e dedicar-me só a construir as minhas guitarras, mas revivi-me neste personagem e naquele desejo de mudança e de recomeço. Quando me fartei de ser músico, fui para a estrada com as bandas, e depois, na altura em que li este texto, estava outra vez cansado do mundo da música e a sentir que não estava a dar o que tinha para dar. E disse ao Manuel: “Quero entrar nesta peça. Já não toco guitarra, mas, a construir as minhas guitarras, faço música.”

Isso mudou bastante a ideia inicial para a peça...

MW: Tudo na minha cabeça passou a funcionar de outra maneira. Isso acontece-me sempre no meu trabalho. Quando nos deparamos com um obstáculo a criatividade é maior, o nosso pensamento tem que ir por outros caminhos. Comecei, então, a pensar a encenação e a interpretação em função da existência do Adriano. Decidi tocar umas coisas muito simples na guitarra e ter lá o Adriano, construtor de guitarras, como uma metáfora. Nunca faço encenações em casa, antes de começar a trabalhar com a equipa. Para mim, um encenador é aquele que alinhava a arte de todos. Ouço as questões artísticas dos que estão à minha volta e isso vai-se misturando com as minhas ideias. Não vejo interesse nenhum em encenadores-generais. O teatro é um trabalho coletivo de vários artistas de várias áreas.

O que o Adriano faz na peça é transpor para o palco o que faz na oficina quando está a construir uma guitarra?

MW: O Adriano consegue manter uma atividade real, não está ali a ficcionar, mas sempre dentro da dinâmica da peça e sem se sobrepôr a mim – uma espécie de imagem distorcida ao fundo. Mas o Adriano é um artista e um intérprete como eu. Assim como

sinto a música dele na minha cabeça, também ele sente a minha interpretação e isso faz com que se mexa de uma maneira ou de outra.

Cada noite de espetáculo é única, portanto?

AS: O meu trabalho vai evoluindo ao longo das apresentações. Aquilo que faço num dia provavelmente no dia seguinte já não conseguirei fazer. Na verdade, não estou ali para fazer som, mas para fazer uma guitarra e tirar partido dos sons que faço, tentando tornar isso o mais musical e o mais coerente com a peça.

Nesse processo de construção de uma guitarra consegue encaixar facilmente o ritmo do espetáculo, Adriano?

AS: Penso antecipadamente no que vou fazer. Depois, na altura, há outras coisas que acontecem e deixo-me ir, improviso, mas quando estou a trabalhar na oficina estou a improvisar sempre. Em palco, é a mesma coisa, nunca parando de interpretar a peça, se não seria apenas uma colagem e não faria sentido.

MW: Juntam-se no palco dois planos, o da ficção e o da realidade. O teatro já tem há muito esse debate de onde começa uma e onde acaba a outra. Interessou-me explorar isso.

Manuel, não é a primeira vez que trabalha um texto de Jon Fosse. O que o atrai neste em particular?

MW: Interessa-me aquilo que fala da realidade das pessoas. Este texto olha para a classe artística, para a sociedade e sobretudo para as pessoas de meia-idade. Já gostava muito do texto por várias razões, mas a decisão de o fazer prendeu-se com essa questão: O que é a vida de um homem de meia-idade hoje, num mundo imerso num clima vazio de esperança e de futuro? O que é que estas pessoas pensam e sentem? São questões que o teatro deve tratar.

Sendo um artista de 50 anos, identifica-se com essa realidade?

MW: Não sou bem este homem da guitarra que desiste, sou mais o homem da guitarra que constrói – sou como o Adriano. Mas gosto de falar do que é diferente de mim. De qualquer forma, estou num ponto de viragem na minha vida. O teatro que mais me interessa não é aquele que apresenta a realidade, passada ou presente, mas aquele que enuncia uma realidade que ainda não existe e que está iminente. É nisso que ando a pensar agora.

AS: O importante aqui é mostrar que mais gratificante do que

desistir é mudar quando não se está satisfeito. Pode-se sempre recomeçar, encontrar algo pelo qual valha a pena acordar de manhã. Isso é o que me motiva nesta peça.

Mas este texto acaba numa desistência, mesmo não sabendo nós o que vai acontecer àquele personagem, não é?

AS: Há uma desistência, mas também há uma tomada de decisão. Ele desiste de ser músico e aparentemente até talvez desista de tudo, mas tomou uma decisão e isso é que importa: pensar e tomar decisões. Todos os dias podemos decidir fazer qualquer coisa e essa coisa pode ser continuar ou pode ser mudar. Até uma experiência negativa pode ser utilizada de formas muito produtivas. O sentimento de frustração pode ser um impulso para começar outras coisas. Eu sou assim.

MW: Eu também. E a partir do momento em que o Adriano entra na peça, dá-se um outro futuro ao homem da guitarra que não o de sair pela porta do fundo. Não se sabe para onde ele vai

no fim, mas está lá o Adriano a construir. Como se sugerisse: “Vou construir outra coisa, mas vou construir, porque isso é que faz com que as coisas mudem, isso é que faz girar o mundo.”

Entrevista realizada durante os ensaios de *O Homem da Guitarra*, 17 janeiro 2018

29 jan a 4 fev
O HOMEM
DA GUITARRA
JON FOSSE
ENCENAÇÃO
MANUEL WIBORG

Segunda a sábado, 21h
Domingo, 17h30
Sala Mário Viegas; m/12
€12 (com descontos €5-€8,40
Duração (aprox.): 1h

Autoria: Jon Fosse; Tradução: Pedro Porto Fernandes; Encenação: Manuel Wiborg; Cenografia e Figurinos: Luís Mouro; Luz: Nuno Meira; Fotografia: Álvaro Rosendo; Assistente de encenação e produção: Inês Vaz; Produção executiva: Teatro do Interior; Interpretação: Manuel Wiborg (ator); Adriano Sérgio (músico); Apoios: Embaixada da Noruega, Lyceu Camões, Ergon Guitars e Yamaha.

Coprodução: Teatro Nacional São João e São Luiz Teatro Municipal

O Bilhete Suspenso nunca esgota. Saiba mais em bilheteira@teatrosaoluiz.pt/ 213 257 650

São Luiz Teatro Municipal Direção artística Aida Tavares; Direção executiva Joaquim René; Programação Mais Novos Susana Duarte; Adjunta direção executiva Margarida Pacheco; Direção de produção Tiza Gonçalves (Diretora), Andreia Luís, Bruno Reis, Margarida Sousa Dias; Direção técnica Hernâni Saúde (Diretor), João Nunes (Adjunto); Iluminação Carlos Tiago, Ricardo Campos, Sara Garrinhas, Sérgio Joaquim; Maquinistas António Palma, Cláudio Ramos, Paulo Mira, Vasco Ferreira; Som João Caldeira, Gonçalo Sousa, Nuno Salas, Rui Lopes; Responsável de manutenção e segurança Ricardo Joaquim; Direção de cena Marta Pedroso (coordenadora), José Calixto, Maria Távora, Ana Cristina Lucas (Assistente); Direção de comunicação Elsa Barão (Diretora), Gabriela Lourenço, Nuno Santos; Relação com públicos Mais Novos Inês Almeida; Bilheteira Ana Ferreira, Cristina Santos, Soraia Amarelinho